

SEMÁNARIO NOTICIOSO, LITTERARIO, SCIENTIFICO, RECREATIVO, ETC., ETC., ETC.

PROPRIETARIO E UM DE SEUS REDACTORES

PEDRO ORSINI GRIMALDI PEREIRA DO LAGO.



ASSIGNATURA.		Não se recebem assignaturas por menos de 3 mezes, sendo estas pagas adiantadas, como é de costume. Os Srs. assignantes terão sempre direito a todos os numeros deste jornal, comprehendidos no trimestre, semestre ou anno de sua assignatura. Subscreve-se nesta typographia e nas principaes livrarias da côrte.	ASSIGNATURA.	
CÔRTE E NICHEROX:			PROVINCIAS:	
Por anno.....	12\$000	Por anno.....	16\$000	
Por semestre.....	6\$000	Por semestre.....	8\$000	
Por trimestre.....	3\$000	Por trimestre.....	4\$000	

Politica popular.

I.

Não é por certo um motivo banal que nos demove a tomar a penna para traçarmos este tôseo artigo.

Quando na primeira idade da razão, ouvindo as sãs doutrinas que pendião dos labios de nossos maiores, de suas palavras cahio em nosso intimo a semente da flor da verdade que aromatiza os principios em que se firma nossa opinião politica.

Sempre no lugar mais ermo, mais sombrio e obscuro da sociedade, acostumamo-nos a ver, ouvir e callar, sem jámais intromettermo-nos nas graves questões partidarias; e sem todavia perdemos o tempo, analysavamos com escrupulosa consciencia qual dos dous partidos do Brasil seria o amigo de sua prosperidade e engrandecimento.

Chegados ao fim de nossa analyse, podemos felizmente dizer, que razão nos sobra para crer, que as idéas conservadoras hão de ser sempre as predominantes n'este Imperio.

Os bellos feitos de gloria que, á sombra benigna do governo actual, acaba de praticar o exercito brasileiro; o denodo, a coragem, a prudencia e a illustração do primeiro general brasileiro, o Sr. marquez de Caxias; o entusiasmo que sente o coração nacional vendo quasi terminada, com tanta dignidade para o Brasil, essa guerra exterminadora do Paraguay, onde nossos compatriotas derramário em desaggravo da honra nacional o seu tão precioso sangue; e, finalmente, os doestos, os ataques e até as injurias que a opposição, por meio de seus órgãos, lança desapiedadamente contra os mais eminentes vultos do par-

tido conservador: são as causas que nos demovêrão n'este empenho.

Isto ponderada, só nos incumbe demonstrar, ainda que insufficientemente, que a causa do povo é a minha, e que a minha causa é a propria causa conservadora. Porquanto, é o proprio povo que hoje exulta em face dos factos que attestão que o governo actual colloca a nação em seus eixos, para depois de descançar das fadigas da guerra percorrer a orbita de sua prosperidade.

Exultai, oh povo! porque nos sobeja razão de jubilo e alegria! Limpai as lagrimas da dôr que soffrieis; adornai os labios com o sorriso da esperanza e da crença que traz candido o anjo da paz, que se debruça no horisonte da patria, prometendo erguer das ruinas do Imperio o seu proprio padrão de gloria!

Exultai, repito-vos; porque a continuação do partido opposicionista na altura do poder, traria graves consequencias para o paiz. Sim, porque quando o povo não ama a patria, pôde bem perdoar os desmandos de seus governos; pôde a bondade do coração humano affrontar os homens que simulão a virtude pela maledicencia e pela detracção, que se oppõem ao reciproco amor e respeito que nos devemos mutuamente: mas quando a ama, oh! quando o povo ama e venera á sua patria! castigar os abusos de quem a sacrifica, é como se rendesse uma homenagem ao amor que lhe devota!

Situações ha em que o perdão de um povo aos seus verdugos é um ferrete de ignominia, e em que é força ser inexoravel para não ser cobarde.

Isto é a verdade dictada pela dignidade do homem que se présa de ser bom cidadão; é—embora pungente—um dos aphorismos sociaes, que jámais pôde desaparecer, porque sempre ha de

existir entre os grandes sentimentos d'alma d'aquelle que zela pelos seus foros, como pela dignidade da nação.

Felizmente para o Brasil, não teve o povo o accêso desejo de lançar mão de um tal extremo, porque a Providencia fez cahir o liberalismo quando talvez a monstruosa cabeça da rebellião principiava a erguer-se do pó; e quando a voz do partido conservador, ungiã de candura e de verdade, já da egregibilidade do poder, lançou a calma de per entre o fervilhar dos animus exaltados.

A politica actual é o mais formal protesto do bem-estar do Brasil. E' a luminosa estrella d'alva que surge da tenebrosa noite em que nos deixou o partido liberal!

Da autoridade dos Evangelhos

POR M. PRAYSSINOUS

Bispo de Hermopolis.

(Traduzido por L. M. Pecegoiro).

(Vid. o n. antecedente).

Que no correr de dezoito seculos se tenha podido commetter alguma ligeira falta em nossos Evangelhos por inadvertencia e ignorancia dos copistas, convenio; que mesmo se tenha podido ahi introduzir um ou muitos versiculos, bem longe eston de o confessare reconhecer; mas com os incredulos não tenho necessidade de entrar n'essa discussão, que não occasionaria uma mudança notavel e substancial. Tudo o que agora pretendo é, que jámais forão os nossos Evangelhos alterados quanto á substancia da doutrina, da moral e dos factos; de sorte que, quanto ao fundo das cousas, elles são o que erão quando sahirão das mãos dos Apostolos. Para se ficar convencido bastão algumas reflexões sobre a origem e natureza d'esses livros sagrados. Os Apostolos e os discipulos de Jesus Christo espalhão-se pelas diversas regiões do mundo conhecido: o oriente e occidente recebem sua doutrina; por toda a parte formão-se igrejas christãs governadas pelos pastores que ahi são por elles estabelecidos; Jerusalem, Antiochia, Alexandria, Epheso, Corintho, Roma, virão em seu seio esses homens prodigiosos que pretendem chamar o universo ao conhecimento do verda-

deiro Deus. A doutrina que ahi pregarão, acabão por consignal-a em escriptos, e esses escriptos se espalhão por todas as igrejas. Eis ahi os livros por onde esses pastores estudão a vida e a doutrina de Jesus Christo, os livros que explicão ao povo christão, e que entregão ás mãos dos fieis. Esses livros são acatados como divinos, a relegião commetteria um crime se n'elles tocasse; conserval-os e transmittil-os como deposito o mais precioso, é o primeiro dever dos pontifices e dos pastores: tributa-se-lhes um respeito tão profundo, que todos se crêm obrigados a preferir a morte em torturas, do que entregal-os á profanação dos gentios. Está bem; supponhamos que emquanto o universo christão venera esses livros sagrados, um falsario pretende corrompel-os, e accrescentar-lhes um ponto novo de doutrina, um preceito até então desconhecido: pergunto se a alteração tivesse sido tentada, teria podido prevalecer? Ter-se-hia podido tentar desnaturar um livro espalhado por toda a terra, em nações diversas, sem que se tivesse notado a falsificação? Podia ella ser notada sem despertar o zelo dos pastores, dos christãos fieis, inviolavelmente applicados ao que elles havião recebido das épocas precedentes, e sem ver levantarem-se contra ella de todas as partes as mais vivas reclamações?

E como conceber o projecto e o resultado de uma falsificação notavel? Certamente ninguem dirá que um falsario pudesse ser tão potente que se apoderasse de todos os exemplares dos nossos Evangelhos disseminados por toda a terra para corrompel-os a seu grado, e pôl-os assim falsificados nas mãos do publico: tudo isto é evidentemente impossivel. Dir-se-ha que a falsificação poderia começar por alguns exemplares, e passar depois insensivelmente aos outros? Nova chimera: seria para isso preciso que todos os Bispos, todos os pastores, todos os homens instruidos, todos os fieis, todas as igrejas gregas e latinas tivessem guardado silencio sobre a empreza do falsario; e que, mau grado a opposição de prejuizos, de educação, de genio, de caracteres, todos se tivessem combinado unanimemente para reverenciar e consagrar a mesma impostura; o que não é admissivel. Podesse eu o mesmo dizer de um falsario que ha quatorze seculos quizesse alterar os exemplares da Eneida, espalhados pelo universo, de modo que, quanto ao

fundo dos pensamentos, não fosse ella hoje como sahio das mãos de Virgilio. E note-se ainda que não se trata aqui de um unico livro, mas de quatro livros differentes, compostos por diversos autores, publicados em diversas épocas, e que, todavia, achão-se conformes com a substancia dos factos; de sorte que seria preciso não sómente falsificar um Evangelho, mas quatro ao mesmo tempo; e o que muito faz crer na impossibilidade de uma alteração substancial. Todo o mundo sabe que alguns novadores, com o fim de tornarem os Evangelhos favoraveis a seus vãos systemas, se impunhão o dever de alteral-os; mas tambem ninguem ignora quanto excitirão contra si a indignação das igrejas. Os doutores christãos o consideravão como um crime; em Origenes se vê (1) a exprobração que faz a Valerio e a Marcio; e em Tertuliano, (2) que accusa este ultimo de torcer o Evangelho segundo suas loucas opiniões, corrompendo-o: *Evangelium interpolando, suum fecit.*

Seguramente seria pouco conhecer o espirito que animava as igrejas primitivas, acreditar que ellas se mostrassem indifferentes a seus livros santos: tão profundamente se achão ainda compenetrados de respeito para com os Apostolos seus fundadores e para com os escriptos por elles publicados, que seu zelo se exasperava com a menor innovação. A historia nos attesta até que ponto chegava sua delicadeza no tocante á pureza do texto das Escripuras. Tanto assim que no quarto seculo um Bispo, chamado Tryphillo, que gozava a reputação de um homem eloquente, tendo se animado em um sermão a mudar uma palavra do Evangelho, que não lhe parecia nobre, o que lhe aconteceu? Foi que um Bispo da ilha de Chypre, de nome Speridião, veneravel por suas virtudes, se levantou no meio da assemblea, e se mostrou indignado por essa alteração, todavia tão insignificante. (3)

Sabemos que S. Jeronymo, que fez uma nova traducção das Escripuras, excitou em principio grandes rumores contra si, porque se tenia que não fosse ella perturbar os fieis acostumados á versão até então em uso. Santo Agostinho tambem nos diz que um Bispo ordenando na igre-

ja de sua diocese a leitura da nova versão, se levantou entre o povo um grande tumulto por occasião de proferirem-se algumas palavras differentes d'aquellas que se tinha por costume ouvir de longo tempo. (Continúa).

Malena

PHANTASIA ROMANTICA

por B. P. L. de A.

I.

... Quanto piace al mondo é breve sogno.

PETRARCHA.

A noite é a virgem pallida do mysterio, que passa scismando nas horas da solidão para ouvir os segredos da terra.

A lua pratealhe a fronte lisa e socegada; o beijo humido da viração faz estremecer-lhe a trança luzidia, que lhe cahe no seio; a flôr perfuma-lhe a roupagem fina e transparente; e o poeta, n'aquelle enlevo que o sentimento inspira, sagra-lhe o canto intimo da lyra d'alma.

E' noite! e Malena é o anjo alegre e travesso, meigo e innocente, que sorri á flôr dos quinze annos que lhe desabrocha no coração ainda embalado pela voz da infancia.

Seu semblante, fresco e collorido, modelado pelo genio das perfeições, reflecte aquelle candura e limpidez da alma virgem e descuidosa, para quem a vida é um sonho dourado que se abre á luz das crencas, ao suave aroma das esperanças primeiras.

Eil-a a correr na vertigem da walsa, na embriaguez do perfume e da harmonia, com os olhos enlanguescidos de gôso, o labio tremente de frouxa respiração, o peito arfando de cansaço e as faces incendiadas de rubor.

E como é formosa assim!

Tantos encantos nunca sonhou o cinzel gracioso da Grecia nem a palheta risonha das inspirações da Italia.

Ella é a imagem gentil do devaneio que brinca no delirio da festa, como a visão encantada, deslumbrando todas as vistas, desvairando todas as cabeças!

O baile toca á profusão de todos os seus esplendores. Em toda a parte sorrisos, flôres, luzes, melodias, denunciação essa phase risonha e

(1) Sozom. Hist. Eccles. liv. 1^o, cap. 11.

(2) Contra Cels. liv. 2^o, nt 27.

(3) Contra Marcion, liv. 4^o cap. 1.

passageira do espirito, que se desprende, na exaltação dos sentidos, do mundo real de sua existencia, trocando a verdade pela ficção após as fórmulas caprichosas do bello.

Em todos os rostos se lê a expansão do jubilo, que recresce frenético ao som stridente da orchestra, ao ruido sonoro do applauso.

Só um homem, isolado a um canto do salão, parece indifferente a tudo quanto se passa. E' um mancebo que medita porque soffre... porque ha sempre no circulo dos prazeres humanos um ponto negro de realidade amarga que define a vida — antithese cruel — que mostra a dôr no seio dos prazeres, a lagrima no brilho do sorriso.

Elle tem a côr pallida da meditação, o cabelo em desalinho, o olhar fundo e penetrante, e nos labios aquelle riso de ironia gelada, que transluz sinistro como a convulsão do remorso. — E' talvez o bruxulear sombrio da alampada prestes a extinguir-se; é o genio do pensamento, triste, que esquece o festim da vida para esposar a morte na lapida do tumulo.

E ninguem repara no moço que soffre, que ri para o prazer, como o nauta para a nuvem côr de rosa, onde reconhece o sorriso mentiroso da tempestade.

As desillusões da vida tornão a alma sceptica e medrosa.

A rosa innocente faz tremer a mão que a colhe, porque o insecto venenoso se esconde ás vezes no macio de sua corolla; assim a alma, uma vez tocada pelo soffrimento, recebe a alegria, porque esta precede aquelle, porque o céu é azul e formoso, mas tem nuvens que o tornão escuro e medonhento.

O joven continuou a scismar; mas de repente estremece ao toque magnetico de uma mãosinha de setim, escondida em uma luva branca e perfumada.

— Malena! murmurou elle erguendo a cabeça.

Era a mariposa que tinha fugido da luz para pousar na estatua do silencio.

— Perdão, Luiz! disse a menina com voz doce e harmoniosa: sou imprudente, não é assim? Mas olha, a noite vai tão bonita e ha tanto frescor no jardim!

Luiz não respondeu, mas levantando-se machinalmente, fez brilhar em seus labios um sorriso descorado.

Um instante depois descião ambos vagarosamente a escada que dava para o jardim.

O astro saudoso dos amores volvia-se rutilante em um céu limpo de nuvens, e a folhagem das alamedas, banhada de uma luz alvejante, tremia n'um murmurio suave que semelhava um hymno.

A sós, longe do bulicio e da agitação, eil-os caminhando nas encruzilhadas silenciosas e cheias de sombras, onde só domina o concerto melancolico das vozes da soledade.

Elles trocãõ entre si palavras que ninguem escuta, e que se perdem no ruido mysterioso da aragem que passa.

E caminão sempre, firmes e vagarosos, como dous romeiros que peregrinão em terra estranha, fallando das saudades de sua patria.

Mas de subito páraõ.

— E tu me amas, Malena? exclama brusca-mente o moço, como se um raio tivesse estalado a seus pés.

— Luiz! balbuciou a menina, tremula de commoção, e um suspiro doce e concentrado se exhalou d'aquella alma de virgem que palpitava nos anhelos de um amor innocente.

— Pobre creança! diz então o mancebo com voz commovida e repassada de tocante tristeza; tu me amas!... Meu Deus! como eu soffro n'este momento!... Malena, alma louca de innocencia, queres que o anjo puro de Deus lêa as paginas negras do romance do homem perdido, que traz o riso nos labios e a morte no coração?

Queres que a estrella que brilha entre os matizes do Oriente se apague na escuridão medonha de um céu de tempestades?

Queres que a flôr de mimo e de belleza se desenlace da grinalda da noiva para morrer na arêa quente do deserto?

— Luiz!

— Pobre creança! A flôr que nasce pallida á beira do tumulo não tem o encanto das rosas dos jardins; deitada á sombra do cypreste, desconhecida dos orvalhos da aurora, dorme silenciosa o somno do isolamento escutando apenas a nenia da morte no gemer compassado das brisas do cemiterio! E eu sou como a flôr pallida que nasce á beira do tumulo, porque minha alma está cançada de amargor, exhausta de crencas, esteril de esperanças.

— Luiz, Luiz, tem pena de mim!

— Pobre criança ! repetio ainda o moço, n'uma especie de exaltação febril... tu me amas?... tu me amas?... Como é treloucada a tua phantasia ! E poderia eu amar-te ? Que loucura, meu Deus !... Oh ! se eu pudesse mostrar-te as minhas chagas, que ainda sangrao... que me dóem tanto... Não... a minha vida é a agonia lenta do inferno !... — E o que espero?... Um tumulto que esconda o meu cadaver.....

A menina lançou-se nos braços do moço.

— Não, não falles assim, disse ella chorando. Oh ! eu te amo tanto, Luiz ! Se tu soubesses... os meus sonhos, as minhas esperanças... Luiz... tu esquecerias essa dor que te opprime tanto e que escondes como um segredo de horror... Eu viverei para ti, sim, para ti só ! nós seremos tão felizes...

Luiz fixou-a um momento com expressão de receio e de amargura ; depois, um sorriso triste, sardonico, entre-abrio ligeiramente seus labios, que logo se cerrarão para dar lugar áquella immobilidade sombria do rosto, que caracteriza a meditação profunda e dolorosa da alma.

Houve então entre elles um período de completo silencio.

Malena olhava em torno de si com ar estranho e admirado, Nas suas feições, ligeiramente alteradas, lia-se aquelle mixto singular de dúvida e de esperança que deixa o amor em sua primeira revelação; folha unica talvez de castidade, d'esse livro escripto em caracteres mysteriosos, que só parece explicar as imperfeições das creaturas de Deos.

Para ella o amor era um oásis de sonhos formosos, onde o pensamento voava como a borboleta da vida, sorvendo o mel suave de todas as creanças. E não se lembrava, nos arroubos de sua imaginação, que a serpente da Escriptura dormia no tapete de flores do Paraíso...

O moço, porem, parecia absorvido em negras idéas.

A magoa, um momento esquecido no fundo de seu coração, tinha acordado horrivel e violenta. E' que uma palavra de anathema, proferida pelos labios de um anjo tinha-lhe accendido um volcão no cerebro. Essa palavra era o amor ! e esse anjo era Malena.....

Elle conseguiu por fim desprender-se de suas reflexões, e disse, tomando carinhosamente as mãos da menina :

— Disseste que me amavas, e eu não cri ; choraste, e senti então o mais pungente de meus soffrimentos, porque tenho compaixão de ti... Talvez não me acredites, não é verdade ? pois bem, vou revelar-te um segredo, á cuja narração tremerás, porque elle é horrivel como um phantasma... um segredo que jurarás guardal-o, por que encerra um crime... ah ! um crime atrás, para o qual não ha reparação, um crime que abala o espirito no mais intimo de sua religião, que zomba do arrependimento, porque se Deos o perdôa, o homem não o pôde esquecer.

E, dizendo estas palavras, Luiz, com um movimento rapido, travou do braço da jovemzinha, e a conduziu a um pequeno caramanchão que se levantava a alguns passos distantes, enastrado de jasmineiros em flor.

Penetrarão n'elle.

O clarão da lua coando-se por entre as verdes folhas de sua cupula, esclarecia de uma luz frouxa e movediça o seu interior deserto, onde se respirava uma atmospherá tepida e perfumada.

Ahi, Malena sentou-se automaticamente em um tóso banco de pedra, com o olhar fixo e o peito arquejante : estava pendente dos labios do mancebo, immovel como a filha morena do sertão ao ouvir do velho guerreiro as lendas gloriosas de suas tradições.

II.

*L'amour c'est un volcan qu'allume un seul regard
C'est le sang que bouillonne et la tete que part.*

(J. DE RUSKOWKA).

Luiz passou a mão pela fronte carregada e abatida, como evocando reminiscencias perdidas em um passado de trevas, e depois principiou assim :

“ — Ha cinco annos eu era alegre e feliz como uma criança.

“ Meu coração de dezoito primaveras batia cheio de esperança e felicidade, e amava as flores, a aurora, as brisas e as ondas, porque vivia de perfumes, de luz, de segredos e de harmonias.

“ O cysne que se baloiça no azul transparente do lago não era mais contente que eu : o pensamento de Deos, que me inoculava o raio luminoso da fé, fazia de mim um ser privilegiado que não invejava a bemaventurança dos justos...

“ Incarnado no gôso ephemero da idade innocente, eu sorria com os olhos no céu, crente e extasiado como o Adão de Milton ao acordar da

profundeza do nada no seio brilhante dos encantos da criação. A pallidez da insomnia ainda não me tinha desbotado as faces, o sopro frio da meditação não tinha ainda gelado meu cráneo.

“Era uma tarde fresca e formosa.

“A natureza se vestia de esplendores, como a donzella que se adorna elegante e vaporosa para o baile da noite.

“Eu tinha alegria no coração, porque as arvores tinham flores, os passarinhos canticos e o horizonte nuvens côr de ouro!

“Senti então um enleio mystico, ineffavel, como a lembrança de uma saudade esquecida.

“E pensei no amor da mulher! Era a flor que faltava em minha grinalda de mancebo, era a nota, languida e apaixonada, que devia prender-se á canção de minha existencia.

“Assim o julguei então, porque a mocidade venturosa é louca como o devanear do poeta. E comecei a amar em silencio essa visão de fôrmas peregrinas que me apparecia em sonhos, tão casta como a rosa sempiterna de Daute.

“Era um idéal innocente que me orvalhava de crenças, era uma imagem phantastica e seductora que me embriagava na doçura de seus osculos...

“E meu coração modulava um canto novo de melodias desconhecidas, como o som brando da lyra que sente em suas cordas o roçar ligeiro das azas de um anjo.

“Assim se passaram alguns dias, breves, mas doces como a vertigem do gôso.

“E sempre a mesma visão em minhas noites, sempre o mesmo arrebol d'essa estrella mysteriosa que purpureava o meu pensamento e que se escondia á meus olhos.....

“Um dia... oh! bem me recordo!... o sol se escondia nas nuvens do poente, e a terra saudava o derradeiro sorriso da luz.

“Era essa a hora em que a alma se concentra com receio e religião, esquecendo a terra um momento para pensar no céu.

“Eu caminhava longe de meu lar, embevecido na melancolia do crepusculo, relembando as ficções que sonhára, quando de subito meus olhos virão o que já minh'alma conhecia! oh! era uma virgem, linda e meiga como um archanjo! uma virgem mais formosa que a feiticeira do Tasso, mais pura que a filha infeliz de Japhté...

A estas palavras Malena estremeceu involuntariamente como se fosse tocada de um fio electrico...

— E tu amaste-a, Luiz? perguntou ella com curiosidade infantil.

— Se a amei! Oh! amei-a mais fogoso que Othelo, mais louco que Chaterton!

Malena abaixou timidamente a vista e encheu uma lagrima que lhe correu expontaneamente pela face; era a lagrima da resignação sombria e suffocada.

O moço continuou com apparente tranquillidade:

“— Ella tinha aquella belleza cheia de fogo que offusca os olhos e que fere o coração. Ninguem a julgaria humana, de tão formosa que era!

“Orosman teria esquecido as graças de Zaira diante de seu olhar ardente de odalisca, e o poeta de Arezzo, junto ás aguas de Vanclose, não carpiria tão triste as saudades de sua Madona.

“Eu a amei! Quem não amaria o symbolo dos anjos divinizado no puro de sua innocencia?

“E ella tambem amou-me! E o nosso amor foi um culto, uma adoração, um mysterio, uma religião.....

“Dois mezes se volvêrão depois como o espaço breve da vida das flores, que nascem com a aurora, para morrerem com a noite.

“E' que o despontar do primeiro amor é doce como o primeiro preludio da harpa, é santo como a primeira oblação do neophito.

“Licor suave e inebriante, elle santifica todas as crenças!... novo hatchy, elle nos transporta a um paiz de encantamentos, onde o espirito adora a illusão pela verdade, e o riso da mulher bella pelo reflexo brilhante da magestade de Deos!

“E' assim que se ama no primeiro desabrochar do amor... é assim que se crê na primeira quadra da vida feliz.

“Quem pensa na decepção cruel que mais tarde vem murchar o verdor da delicia?

“Não; ligados intimamente ao agradável de nossas impressões, a existencia nos é a continuação de uma esperanza segura, porque a experiencia do mal nos faz ignorar a virtude do bem.

“Julia (este era o seu nome), estava gravada no meu pensamento, altiva e luminosa como o sol no Equador.

“Um juramento sincero e irrevogavel não separava o infinito de nossas affeições... A eternidade, pensavamos nós, será as nossas segundas nupcias... e o céu o leito perfumado de nossos amores.

“Uma vez... a tarde ia morrendo, e Julia estava deslumbrante.

“Conversavamos a sós; seus olhos tinham a languidez do brilho voluptuoso de Vesper, e accendião nos meus o fogo do delirio!

“Seus labios, humidos e vermelhos como o nacar, se abrião com a magia de fascinadora expressão, desafiando o beijo da loucura e das sensações.

“E o seu seio alvo, semi-nú?... A razão se perdia no canto fervoroso do triumpho dos sentidos!

“Eu fallei-lhe do meu amor, e ella sorriu com tresvario, porque ha palavras magicas que são como os philtros subtis do Levante, que arrebatão para enlouquecer.

“Eu sentia as arterias pulsarem violentas e injectadas de sangue escândecido pela febre que me lavrava no coração.

“Ella matava-me com as suas vistas...

“De repente uma vertigem passou-me pela cabeça... Foi como a espada relampejante do anjo do exterminio... tomei-a nos meus braços e beijei-a com soffreguidão...

“Mas ai! o beijo que é a harmonia singela das almas que se toçao e se comprehendem n'aquelle sentir mysterioso que a natureza ensina como um dogma, é ás vezes tambem o demonio da volupia, que, no calor dos labios, atéa o incendio no coração!.....

(Continúa).

Maria.

Tu és, Maria, a flor divinizada
No meio das campinas;
Do lyrio tens a côr linda e nevada,
E o cheiro das boninas.

Tu és, Maria, a flor da candidez
Alva, pura e nitente;
Tens os dotes do céu na nivea têz,
No rosto complacente.

Si o sol desponta derramando a luz
Neste tão bello prado,
Antes de illuminal-o vem a flux
Beijar-te o rosto amado.

Imagem da tristeza embellecida,
Tocou-te o coração
O gelo da esperanza foragida
Nos fogos da paixão.

Alaste em louco devaneio a alma
Seguindo amor fugaz;
Perdeste as crencas... oh! Maria, e calma
Não tens para teus ais!

Como o cactus que apenas vê a aurora
No seu pudico abrir,
E fecha as pet'las vergonhoso, e chora
O orvalho a sacodir:

Assim tu, oh! Maria, flor mimosa,
Amaste só um dia,
E tu'alma fechou-se pressurosa
Aos risos da alegria!

No teu semblante confrangido e triste
Sulcou a dôr seus traços;
A ventura não é que te resiste...
Tu foges de seus braços!

Descerra os cillias, e na luz brilhante
De vida enche teus olhos;
Vem buscar meu amor febricitante
Do coração nos folhos.

Purá e santa minh'alma te adorára
O rosto encantador;
E tu'alma por ella suspirára
Em extasis d'amor.

GRIMALDI.

Soneto.

Tal como a grata lua que decóra
De luz a parda nuvem que, surgindo,
Vem no vasto horizonte sacodindo
Prantos saudosos que a procella chora;

Ou como a negra sombra que descóra,
E nas azas opacas vai fugindo
Apenas os primeiros vem fulgindo
Raios brilhantes da rosada aurora:

Assim ao te avistar de novo, Elysa,
A dôr da atrás saudade desfallece,
E de prazer meu pranto se deslisa.

Quando a luz de teus olhos me apparece
Tudo em torno de mim se divinisa,
Tudo quanto soffreu minh'alma, esquece!

GRIMALDI.

Revista da semana.

Como me caiba a obrigação de ver tudo, direi que a sociedade d'esta côrte desfila ora triste e melancolica como um militar reformado reduzido a meio soldo; ora estouvada e ridicula como o Castro Urso a nos impingir bilhetes de loteria nas praças e botequins.

* *

Eu bem poderia contar ao publico algumas cousinhas que sei, mas não costumo a contar simplesmente o que vejo, para que não me chamem de — sem-sabor —; nem commentar o que conto, fazendo inteira justiça, ou apontando o ridiculo, porque serei victima de minhas victimas.

E creião os leitores que isto é real. Quantas vezes commentando certos factos acharia materia pera um folhetim... e entretanto remetto-me ao silencio, e fico tão embaraçado na colheita de novidades para encher a columna, como ficão os leitores do *Jornal do Commercio* com as quotidianas dobras e *frades* que traz esta folha!

Em casos taes é melhor callar-me, e antes de empunhar a lanceta que fere, darei sempre aos leitores — com o silencio — o gaz hilariante que adormece, como succede á *humanidade desdentada* pela companhia — *Tira dentes sem dôr, mas por dinheiro.*

* *

Mas entretanto não seja tanto tempo gasto em satisfações banaes, porque para o publico perder o seu precioso tempo basta guardar-se para certas occasiões, como, por exemplo, quando veja annunciado uma *ascensão balonatica* para as 8 horas da noite, e que corra ancioso e veja já pela madrugada uma *descensão e murção* do mesmo balão por *falta de gaz*.

Mas para que havemos de fallar hypotheticamente, quando ha na realidade muito em que metter o dente da censura na tal brincadeira do balão? Pobre povo fluminense! muito soffreis em vossa boa fé e dignidade! Convidão-vos pelos jornaes para este e aquelle espectáculo; vosso dinheiro é cassado, e vindes para casa com os mesmos beiços com que mamastes!

E a policia que tinha em suas mãos dar gaz ao aereonauta, ou fazel-o terminar com a farça que se deu, degradante para um publico civilizado, em extremo paciente, não appareceu dando um ar de sua graça!

E o mais é que não forão só os que pagááo para a brincadeira os mais logrados e lesados. Muito homem sério quiz ir recrear-se no Passeio Publico mas voltou sem tal prazer, porque a entrada custava 5\$ por paio, 3\$ por tolo, e 1\$ por bôbo!

O lugar destinado a recreio publico nunca deve ser dado em favor d'essas *industrias do ar*, nem de outras quejandas da *terra*. O campo da Acclamação é vasto bastante para estas proesas, mas é verdade que o dito sujeito do balão teria de gastar algumas patacas em um circo de taboado, e o publico hade reconhecer que para emprehendedores de tal jaez deve haver muita protecção e auxilio. Bem pensado, não tenho razão de censura, e até sou de parecer que deve haver outro balão, que não suba, no Passeio Publico. O dito por não dito, e dito fica tudo quanto deve ficar.

* *

Não ha coração humano que seja de todo malvado. Esta verdade, já por mim conhecida, fica corroborada com o testamento de Lopez, que tendo as mãos fratrecidas ensopadas no sangue de mil victimas, ponde escrever uma verba pedindo as caricias e o amor do proximo para seus filhos!

Não mettamos a ridiculo este sentimento tao natural, máo grado seja partido de um coração monstruoso e de uma alma impia e satanica como a de Lopez.

E' a unica corda sensível daquella harpa de bronze tangida sempre pelas mãos da malvadeza.

Talvez, quem sabe? seja tambem essa mesma corda vibrada por mão piedosa, que faça voltar a face d'esse malvado para a luz da regeneração.

Deus a final capricha em mostrar que esse ser que se chama homem, por mais cruel e malvado que seja guarda sempre, cioso, um sentimento do céu dentro em sua alma condemnada ao inferno.

Isto são apenas considerações que faço; não queira algum gaiato me chamar de *Lopista*.

* *

E como as considerações canção o espirito, e o somno domine a materia declaro-me cançado e com muitos desejos de sonhar utopias; razões estas que bem podem explicar aos Srs. assignantes d'esta *Revista* o meu sincero adeus.

Rio, 16 de Janeiro de 1869.

ERRA-VAGANTE.